

Prefeitura Municipal de Salvador do Estado da Bahia

SALVADOR-BA

Professor Municipal - Língua Portuguesa

AB035-19

Todos os direitos autorais desta obra são protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/12/1998.
Proibida a reprodução, total ou parcialmente, sem autorização prévia expressa por escrito da editora e do autor. Se você conhece algum caso de "pirataria" de nossos materiais, denuncie pelo sac@novaconcursos.com.br.

OBRA

Prefeitura Municipal de Salvador do Estado da Bahia

Professor Municipal - Língua Portuguesa

EDITAL Nº 002, DE 29 DE MARÇO DE 2019

AUTORES

Conhecimentos Específicos - Prof^ª Ana Maria B. Quiqueto

PRODUÇÃO EDITORIAL/REVISÃO

Elaine Cristina

DIAGRAMAÇÃO

Thais Regis

CAPA

Joel Ferreira dos Santos



NOVA
CONCURSOS
www.novaconcursos.com.br
sac@novaconcursos.com.br

APRESENTAÇÃO

PARABÉNS! ESTE É O PASSAPORTE PARA SUA APROVAÇÃO.

A Nova Concursos tem um único propósito: mudar a vida das pessoas.

Vamos ajudar você a alcançar o tão desejado cargo público.

Nossos livros são elaborados por professores que atuam na área de Concursos Públicos. Assim a matéria é organizada de forma que otimize o tempo do candidato. Afinal corremos contra o tempo, por isso a preparação é muito importante.

Aproveitando, convidamos você para conhecer nossa linha de produtos "Cursos online", conteúdos preparatórios e por edital, ministrados pelos melhores professores do mercado.

Estar à frente é nosso objetivo, sempre.

Contamos com índice de aprovação de 87%*.

O que nos motiva é a busca da excelência. Aumentar este índice é nossa meta.

Acesse **www.novaconcursos.com.br** e conheça todos os nossos produtos.

Oferecemos uma solução completa com foco na sua aprovação, como: apostilas, livros, cursos online, questões comentadas e treinamentos com simulados online.

Desejamos-lhe muito sucesso nesta nova etapa da sua vida!

Obrigado e bons estudos!

*Índice de aprovação baseado em ferramentas internas de medição.

CURSO ONLINE



PASSO 1

Acesse:

www.novaconcursos.com.br/passaporte



PASSO 2

Digite o código do produto no campo indicado no site.

O código encontra-se no verso da capa da apostila.

*Utilize sempre os 8 primeiros dígitos.

Ex: JN001-19



PASSO 3

Pronto!

Você já pode acessar os conteúdos online.



ÍNDICE

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS – PROFESSOR – LÍNGUA PORTUGUESA

Concepções de fala, língua e linguagem como discurso e processo de interação: conceitos básicos de dialogismo, polifonia, discurso, enunciado, enunciação, texto, gêneros discursivos.....	01
Oralidade: concepção, gêneros orais, oralidade e ensino da língua, particularidades do texto oral.....	12
Leitura: concepção, gêneros, papel do leitor, diferentes objetivos da leitura, formação do leitor crítico, intertextualidade, inferências, literatura e ensino, análise da natureza estética do texto literário.....	23
Escrita: produção de texto na escola, papel do interlocutor, contexto de produção, gêneros da escrita, fatores linguísticos e discursivos da escrita, o trabalho da análise e revisão de reescrita de textos.....	36
Análise linguística: o texto (oral e escrito) como unidade privilegiada na análise-reflexão da língua(gem), os efeitos do sentido provocados pelos elementos linguísticos, a norma padrão e as outras variedades linguísticas.....	85

CONCEPÇÕES DE FALA, LÍNGUA E LINGUAGEM COMO DISCURSO E PROCESSO DE INTERAÇÃO: CONCEITOS BÁSICOS DE DIALOGISMO, POLIFONIA, DISCURSO, ENUNCIADO, ENUNCIÇÃO, TEXTO, GÊNEROS DISCURSIVOS.



#FicaDica

Nas últimas décadas, com o desenvolvimento de pesquisas e com a adoção de políticas educacionais direcionadas a abordagem dos fenômenos de linguagem a partir de uma perspectiva social, algumas obras e alguns autores ganharam grande destaque.

No Brasil, um dos autores que mais tem influenciado os estudos nessa área é Mikhail Mikhailóvitch Bakhtin. Formado em São Petersburgo, onde cursou estudos clássicos na Faculdade Filológico-Histórica, o pensador russo é considerado um dos maiores filósofos da linguagem de todos os tempos. Conceitos como autor, autoria, estilo, significação, polifonia, dialogismo e gêneros do discurso destacam-se em sua produção. A principal característica de sua obra é a análise da linguagem dentro de um processo interativo. Em seus trabalhos a observação da língua sempre ocorre sob a ótica da relação dialética indivíduo/sociedade, em um universo em que se interpenetram o individual e o social.

Desde a década de 1980, período em que a obra de Bakhtin começou a ganhar espaço em nosso país, até os dias atuais, podemos notar que as concepções do autor ampliaram sua área de influência, estendendo-se de professores e pesquisadores a vários documentos oficiais do sistema de ensino brasileiro. Atualmente, mais que objetos de interesse no contexto escolar e acadêmico, o pensamento bakhtiniano tem emergido como norteador dos eixos de sustentação das novas propostas ao ensino de língua materna.

A noção de gênero, na perspectiva do Círculo de Bakhtin¹, exige-nos que tenhamos clareza e compreensão a respeito de alguns conceitos nucleares que alicerçam tal noção. Por isso, na intenção de apreender e contextualizar a discussão que proponho neste trabalho, na perspectiva dialógica, sócio-histórica e ideológica da língua(gem), acionarei, preliminarmente, para uma reflexão breve, os conceitos de enunciado, língua, discurso, texto, dialogismo e sujeito, conceitos esses que julgo basilares para se entender a noção de gênero, na perspectiva bakhtiniana. A minha intenção em discutir tais temas se pauta no preceito de que, para Bakhtin, além de linguagem e sujeito se implicarem mutuamente, todos estão interligados e estabelecem uma relação de dependência mútua.

Na crença do teórico russo, não é possível a desvinculação da personalidade do indivíduo da língua (discurso), uma vez que "a atividade mental, suas motivações subjetivas, suas intenções, seus desígnios conscientemente es-

tilísticos, não existem fora de sua materialização objetiva na língua" (BAKHTIN, 1992, p. 188). Com isso, é possível afirmar, de imediato, que a língua não é vista como sistema abstrato de signos e, tampouco, como a expressão do pensamento individual.

Portanto, na sequência deste texto, minha intenção é discutir as noções de enunciado, língua, discurso, texto, dialogismo e sujeito para, a partir desse alicerce posto, conceituar os gêneros discursivos, na perspectiva dialógica da linguagem.

DIALOGISMO

De acordo com Freitas (1997), os estudos bakhtinianos buscavam um entrelaçamento entre sujeito e objeto, baseando-se em uma síntese dialética inserida em um universo cultural e histórico. Nessa concepção, a língua não pode ser entendida como se fosse um sistema abstrato de normas, haja vista que ela apresenta uma realidade extremamente dinâmica e viva diante das interações verbais dos interlocutores, estando, assim, em constante evolução. Destarte, não se pode restringi-la ou distanciá-la de sua realidade evolutiva. Por isso, a noção de alteridade ocupa um lugar de destaque no universo bakhtiniano.

Para Clark e Holquist (1998), a alteridade reconhece um destinatário ativo, um ser que não se limita à compreensão passiva diante do locutor. Trata-se de um destinatário que reage de modo responsivo à fala/mensagem recebida, produzindo respostas (ora concordantes, ora discordantes) que se relacionam em um plano dialógico.

É sob tal ótica que se desenvolve o pensamento de Bakhtin acerca do dialogismo, o qual alude ao permanente diálogo travado entre os diversos discursos que circulam na sociedade, devendo, por isso, ser visualizado e reconhecido como elemento responsável pela instauração da natureza interdiscursiva da linguagem.

Kock (2001, p. 50), aproximando-se dessa perspectiva, descreve o dialogismo como constitutivo da linguagem; segundo a autora, a palavra é o produto da relação "recíproca entre falante e ouvinte, emissor e receptor. Cada palavra expressa o „um" em relação ao outro. Eu me dou forma verbal a partir do ponto de vista da comunidade a que pertença".

Bakhtin considera que a palavra, por ser o território comum do locutor e do interlocutor, comporta duas faces: é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela representa o produto da interação locutor/ouvinte, servindo de expressão de um em relação ao outro. Segundo o pensador russo, é através da palavra que me defino em relação ao outro, à coletividade; é no perímetro das relações interpessoais, mediadas pela linguagem, que os homens constroem conhecimento e se estabelecem no meio social. Para (Freitas, 1997, p. 320), sem o outro "o homem não mergulha no mundo sógnico, não penetra na corrente da linguagem, não se desenvolve, não realiza aprendizagens, não ascende às funções psíquicas superiores, não forma a sua consciência", enfim, não consegue se constituir como sujeito.

A noção de dialogismo - escrita em que se lê o outro, o discurso do outro - pode ser encarado como filosofia de vida, fundamentação da política, concepção

de mundo, entre outras perspectivas. Aqui, interessa-me pensá-lo e restringi-lo aos domínios da linguagem. Para tal empreitada, tomo como aporte, novamente, o pensamento do intelectual soviético, Mikhail Bakhtin.

Na perspectiva bakhtiniana, o princípio dialógico é a característica essencial da linguagem, é um princípio constitutivo da linguagem e intrínseco à mesma. Nas palavras de Barros (2003, p. 2), “é a condição do sentido do discurso”. Partindo da concepção bakhtiniana, Barros afirma que o processo dialógico da linguagem pode ser entendido sob dois aspectos: o da interação verbal entre o enunciador e o enunciatário, no espaço do texto; e o da intertextualidade no interior do discurso.

Na primeira dimensão, a linguagem é o elemento que estabelece a relação entre os seres humanos e propicia a experiência da intersecção ou interação entre interlocutores. Assim, o homem encontra-se numa relação dialógica entre o eu e o tu, ou entre o eu e o outro, no texto. A existência está subordinada à abertura para o outro; dessa forma, estabelece-se uma relação de alteridade, noção, aliás, fundamental à compreensão de dialogismo. Nessa perspectiva, é condição sine qua non considerar o papel do “outro” na constituição do sentido, tendo em vista que nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outra voz.

Já na segunda dimensão, percebe-se que o indivíduo não é a origem do seu dizer. Dito de outra forma, o sentido não é originado no instante da enunciação, ele faz parte de um processo contínuo, em que “tudo vem do exterior por meio da palavra do outro”, sendo o enunciado “um elo de uma cadeia infinita de enunciados, um ponto de encontro de opiniões e visões de mundo”. O texto é tecido polifonicamente por fios dialógicos de vozes que polemizam entre si, se completam ou respondem umas às outras.

Para que possamos compreender o pensamento de Bakhtin, devemos em primeira instância mergulhar em sua concepção de que se a ciência humana tem método e objeto dialógicos, também suas idéias sobre o homem e a vida são marcadas pelo princípio dialógico (Barros, 1997:30; 2001:26).

Não há apenas um eu e um meio que lhe é externo: a linguagem acontece porque há um nós (Kramer, 2002:75).

Como aponta Machado (2005:161), Bakhtin entende que uma linguagem é sempre uma imagem criada pelo ponto de vista de uma outra linguagem. O sujeito se constitui a medida que vai ao encontro do outro. Segundo a perspectiva bakhtiniana, o outro é imprescindível na construção do nosso ‘eu’, daí a conclusão de que a linguagem deve ser percebida a partir de uma concepção dialógica. Ainda de acordo com tal perspectiva, a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social que inclui a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos nela envolvidos (Brait e Melo, 2005:65).

Sem dúvida alguma, o tema dominante em Bakhtin é o dialogismo, o do princípio dialógico, qualquer que seja o objeto de sua reflexão. Segundo o autor, o monologismo (oposto ao dialogismo) concentra todo o processo de criação do criador (autor) em si mesmo. Tudo se torna objeto mudo, pois é o único centro irradiador da consciência, das vozes, imagens, pontos de vista, “coisi-

fica” tudo. No modelo monológico, não há a existência da consciência responsiva e isônoma do outro; para ele não existe o “eu” isônimo do outro, o “tu”. Conforme Bezerra (2005:192), o monólogo é algo concluído e surdo à resposta do outro, não reconhece nela força decisória.

Para Bakhtin, no universo monológico não se há nada mais a dizer. Daí a afirmação de que a linguagem é, por constituição, dialógica e a língua não é ideologicamente neutra e sim complexa, pois nela se imprimem historicamente e pelo uso as relações dialógicas dos discursos. Nesse ponto, decido fazer um parêntese e explicitar de forma mais apurada a questão da complexidade da língua. Como dito anteriormente, a linguagem (seja pensada como língua ou como discurso) é essencialmente dialógica. Ignorar sua natureza dialógica é o mesmo, para Bakhtin, que apagar a ligação que existe entre a linguagem e a vida (Barros, 1997:35). Daí a afirmação de que a língua não é ideologicamente neutra e sim complexa. Suas reflexões para essa questão levam-nos a alguns pontos que dividirei e analisarei abaixo:

- 1º) Não há como comparar ou assemelhar a relação entre língua e ideologia, e discurso e ideologia, pois assim como podemos afirmar que as mais imperceptíveis alterações da existência social são refletidas no discurso, ao contrário, na língua as modificações processam-se lentamente;
- 2º) No que tange à questão língua e discurso, cito Fiorin (1988) que distingue os termos mostrando que a língua possui certa autonomia em relação às formações sociais e altera-se, sobretudo, devido a causas internas ao próprio sistema. Já o discurso é determinado por coerções sociais e está assentado sobre uma ou mais formações discursivas (que correspondem a formações ideológicas);
- 3º) Para Bakhtin, no signo confrontam-se índices de valor contraditório, ou seja, como a língua produz vários discursos em que falam vozes diversas e também discursos ideologicamente opostos (classes sociais diferentes utilizam o mesmo sistema lingüístico), deve-se concluir que com o tempo, os traços desses discursos impressos na língua a partir do uso discursivo acoplam à ela choques e contradições que se atraem e se rejeitam – elementos tidos como inconciliáveis. “Assim caracterizada, a língua é dialógica e complexa, pois nela se imprimem historicamente e pelo uso as relações dialógicas dos discursos” (Barros, 2001:35).

Retornando ao ponto mais específico do dialogismo, Bakhtin afirma ainda que a alteridade define o ser humano, pois o outro é imprescindível para sua concepção: é impossível pensar no homem fora das relações que o ligam ao outro.

O modo como eu vivencio o eu do outro difere inteiramente do modo como vivencio o meu próprio eu; isso entra na categoria do outro como elemento integrante, e essa diferença tem importância fundamental tanto para a estética quanto para a ética (Bakhtin, [1979]; 2003:35).

Ao falar, sempre levo em conta aquilo que penso que meu destinatário apreendeu do que eu falei: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunica-

ção; levo em conta suas convicções e concepções, seus preconceitos (do meu ponto de vista), suas simpatias e antipatias – tudo isso determinará a compreensão responsiva ativa do meu enunciado por ele. Em outras palavras, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado do que digo e/ou quero dizer (o significado linguístico do discurso), ocupa simultaneamente em relação a ele uma posição ativa responsiva, ou seja, concorda ou discorda, completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc. “Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma, a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (Bakhtin, [1979]; 2003:271).

Cedo ou tarde, o que foi ouvido e realmente compreendido refletirá/responderá nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte.

Todo falante é em maior ou menor grau um respondente:

porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema de língua que usa, mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações” (Bakhtin, [1979]; 2003:272).

Logo, podemos afirmar que esse falante baseia-se nesses seus próprios enunciados, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe como já conhecidos de quem os vai ouvir (o ouvinte). “Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (Bakhtin, [1979]; 2003:272). Menciono o termo enunciado aqui, porém esclareço que a subseção 2.2 a seguir dedicar-se-á a tal conceito.

Ainda de acordo com Bakhtin, a língua não é vista como um sistema de normas. Defende a natureza social e evolutiva da mesma e sustenta que essa constante evolução é decorrente das interações verbais dos interlocutores.

Utilizando suas próprias palavras em *Estética da Criação Verbal* ([1979], 2003:349), “O homem entra no diálogo como voz integral. Participa dele não só com seus pensamentos, mas também com seu destino, com toda a sua individualidade”.

Considero que a concepção sociointeracional da linguagem tem como alicerce o dialogismo defendido por Bakhtin. Dessa forma, pode-se afirmar que as estruturas discursivas não constituem o cerne do princípio dialógico, mas sim as práticas discursivas.

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (Bakhtin, [1979]; 2003:348).

Como afirma o próprio Bakhtin [1979], é como se obrigássemos o homem a falar. Nós como locutores, acabamos por construir e/ou co-construir os importantes depoimentos, explicações, confissões, etc. de nossos interlocutores (ouvintes). Acabamos por auxiliar no desenvolvimento integral do discurso interior (eventual,

efetivo, etc.) desse homem. Por toda parte há o texto real ou eventual e a sua compreensão. A investigação, inclusive, torna-se interrogação e conversa, isto é, diálogo.

Na passagem do monologismo para o dialogismo, Bakhtin destaca “o homem no homem” (Bezerra, 2005:193) não como uma coisa, um objeto silencioso, mas como outro sujeito, outro “eu” investido de iguais direitos no diálogo interativo com os demais falantes, outro eu a quem cabe auto-revelar-se livremente. O dialogismo constrói a imagem do homem num processo de comunicação interativa, no qual eu me vejo e me reconheço através do outro, na imagem que o outro faz de mim. O outro se projeta em mim e eu me projeto no outro, nossa comunicação dialógica requer que nossos reflexos projetem-se um no outro, que afirmemos um para o outro a existência de multiplicidades de “eu”, de duas multiplicidades de infinitos que convivem e dialogam em pé de igualdade. Ao levar em consideração esse enfoque dialógico, essa transformação do homem objeto, ou melhor, do homem reificado, em outro sujeito, em outro “eu”, não posso deixar de lado a questão da polifonia (as múltiplas vozes e consciências independentes e imiscíveis, vozes plenivalentes desse outro transformado/criado através do discurso). Entretanto, para que possamos compreender as concepções bakhtinianas de polifonia, reservo a próxima subseção à questão do enunciado, pois a meu ver este constitui parte integrante à compreensão da multiplicidade de vozes no discurso (interior ou não).

POLIFONIA

A introdução do conceito de polifonia no universo das ciências da linguagem deve-se aos trabalhos realizados por Bakhtin para caracterizar o romance de Dostoiévski.

A abordagem do tema remete-nos a um ponto essencial da obra bakhtiniana: a relação autor-herói. Segundo Faraco (2006, p. 46), a “teorização sobre a relação estética entre autor e herói passa por um significativo refinamento quando Bakhtin analisa a narrativa de Dostoiévski”, pois, através desse exame, torna-se possível a visualização de uma nova posição artística: um cenário no qual a voz autoral e a voz do herói são colocadas em um mesmo plano.

A voz do herói sobre si mesmo e o mundo é tão plena como a palavra comum do autor; não está subordinada à imagem objetificada do herói como uma de suas características, mas tampouco serve de intérprete da voz do autor. Ela possui independência excepcional na estrutura da obra, é como se soasse ao lado da palavra do autor coadunando-se de modo especial com ela e com as vozes plenivalentes de outros heróis. (BAKHTIN, 1981, p. 03)

Segundo Bakhtin, o termo “voz” refere-se à consciência falante que se faz presente nos enunciados. Tal consciência não é neutra, está sempre refletindo percepções de mundo, juízos e valores. Para ele, a análise das personagens de Dostoiévski permite-nos identificar a presença desses diferentes pontos de vista da sociedade.

A personagem interessa a Dostoiévski enquanto ponto de vista específico sobre o mundo e sobre si mesma, enquanto posição racional e valorativa do homem em relação a si mesmo e à realidade circundante. Para Dos-

toiévski não importa o que sua personagem é no mundo, mas, acima de tudo, o que o mundo é para a personagem e o que ela é para si mesma. (BAKHTIN, 1981, p.46)

Florêncio (2002) ressalta que a polifonia manifesta-se em certos tipos de textos que deixam entrever outras vozes. Em alguns discursos, é o “acionamento” dessa polifonia que permite aos interlocutores escutar as diferentes vozes, sem disfarçá-las”.

Cada conjunto verbalizado grande e criativo é um sistema de relações muito complexo e multiplanar. Na relação criadora com a língua não existem palavras sem voz, palavras de ninguém. Em cada palavra há vozes às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais (as vozes dos matizes lexicais, dos estilos, etc.), quase imperceptíveis, e vozes próximas, que soam concomitantemente (Bakhtin, [1979]; 2003:330).

A questão da polifonia ou multiplicidade de vozes surge em Bakhtin quando o autor inicia suas concepções relacionadas ao romance, mais especificamente no ensaio O autor e a personagem, aqui no Brasil incluído em Estética da Criação Verbal (2003). Segundo Bakhtin, o autor-criador (que não é por princípio, uma instância narrativa abstrata, ou seja, “o narrador”) é a consciência de uma consciência, uma consciência que engloba e acaba a consciência do personagem (herói) e do seu mundo; o autor-criador sabe mais do que seu personagem. Daí surge o conceito de exotopia usado por Bakhtin (2003); Tezza (1997; 2001) e Bezerra (2005), apontando que a relação criadora é sempre marcada por um princípio básico, isto é, como o autor (-criador) sabe mais do que seu personagem, há um excedente de saber e é esse excedente que lhe dará o princípio da obra literária. Pelo princípio da exotopia, devido ao fato de uma consciência estar fora de outra, de uma consciência ver a outra como um todo acabado, ela nunca poderá fazer isso consigo mesma. Ou seja, o personagem não se define por sua estrutura intrínseca, por suas características autônomas, mas, fundamentalmente, pela relação que o autor-criador mantém com ele. O autor dá ao personagem o que é inacessível ao próprio personagem: sua imagem externa. Fazendo um paralelo com a vida real: o autor é para o personagem o que o outro é para mim; é o ponto de vista do outro que me dá acabamento. Cada acontecimento que passamos ou vivemos em nossas vidas está permanentemente aberto. Fica mais uma vez claro que a natureza dialógica da linguagem, na visão de mundo de Bakhtin, está presente em todas as suas realizações – no universo bakhtiniano, nenhuma voz, jamais, fala sozinha. E isso acontece não porque estamos socialmente expostos a influências externas, mas porque a natureza da linguagem é inelutavelmente dupla.

Tezza (2001:283), afirma que “O conceito de exotopia que Bakhtin criou é de tal forma produtivo como interpretação da consciência e dos fatos da consciência que, (...), em alguns momentos não sabemos mais se ele está nos falando apenas dos fenômenos estéticos ou se ele está mesmo criando uma concepção filosófica”. Pois com frequência, a forma como ele se refere ao “acontecimento aberto da vida”, e de como este acontecimento aberto encontra-se impregnado no objeto estético, nos dá lampejos de sua visão de mundo – ou utilizando as concepções de Tezza (2001), O autor e o herói de fato se insere num painel teórico muito mais amplo.

Se eu mesmo sou um ser acabado e se o acontecimento é algo acabado, não posso nem viver nem agir: para viver, devo estar inacabado, aberto para mim mesmo – pelo menos no que constitui o essencial da minha vida -, devo ser para mim mesmo um valor ainda porvir, devo não coincidir com a minha própria atualidade (Bakhtin apud Tezza, 2001:284).

Eu só posso me imaginar, por inteiro, sob o olhar do outro; pelo princípio dialógico (que em certo sentido decorre da exotopia), a minha palavra está inexoravelmente contaminada do olhar de fora, do outro que lhe dá sentido e acabamento. É o outro que nos completa, que vê o que não podemos ver, assim como nós vemos no outro o que ele próprio não pode ver. Por isso, ao escrever esta dissertação estou me (re)construindo como pessoa e como profissional.

Em Diálogos com Bakhtin (2001), Barros (p.36) emprega o termo polifonia para caracterizar certo tipo de texto, aquele em que o dialogismo se deixa ver, se deixa transparecer. Aquele texto em que são percebidas muitas vozes, em que os diálogos entre discursos mostram-se, deixam-se ver ou entrever. Por oposição, há também os textos monofônicos que escondem os diálogos que os constituem, eles se ocultam sob a aparência de um discurso único, de uma única voz (há uma espécie de abafamento de vozes). Tanto o discurso monológico como o discurso heteroglóssico (constituído por vozes diversas), ambos resultantes das forças centralizadoras e descentralizadoras da língua, respectivamente, estão presentes em qualquer enunciado.

ENUNCIADO

A ideia de que o uso da língua se efetua em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, “preferidos” pelos participantes de uma ou outra esfera da atividade humana; que o enunciado é irrepitível, tendo em vista que é um evento único (pode somente ser citado); que o enunciado é a unidade real da comunicação discursiva, já que o discurso só tem possibilidade de existir na forma de enunciados e que o estudo do enunciado como unidade real da comunicação discursiva permite compreender de uma maneira mais correta a natureza das unidades da língua (a palavra e a oração, por exemplo), faz parte das afirmações feitas por Bakhtin no texto Os gêneros do discurso (2003a). Em outro manuscrito, O problema do texto na linguística, na filosofia e em outras ciências humanas, há a afirmação de que “a língua, a palavra são quase tudo na vida humana” (BAKHTIN, 2003b, p. 324).

O enunciado é visto por Bakhtin como a unidade da comunicação discursiva. Cada enunciado constitui um novo acontecimento, um evento único e irrepitível da comunicação discursiva. Ele só pode ser citado e não repetido, pois, nesse caso, constitui-se como um novo acontecimento. O enunciado nasce na inter-relação discursiva, por isso que não pode ser nem o primeiro nem o último, pois já é resposta a outros enunciados, ou seja, surge como sua réplica.

Diante disso, observo que a concepção bakhtiniana de enunciado não pode ser a frase enunciada, que se constituiria em partes textuais enunciada, mas trata-se